



# FNLIJ

Seção Brasileira do International Board on Books for Young People **IBBY**

DESDE 1968

## Notícias 3

Março 2011 | [www.fnlij.org.br](http://www.fnlij.org.br)

# Santiago de Compostela foi sede do 32º Congresso Internacional do IBBY

**E**m setembro de 2010, a cidade de Santiago de Compostela, na Galícia, Espanha, foi o destino de, aproximadamente, 700 militantes da causa da literatura infantil e juvenil que chegaram de todos os continentes para participar do 32º Congresso Internacional do International Board on Books for Young People – IBBY realizado pela Organização Espanhola para o Livro Infantil e Juvenil - OEPLI, seção espanhola do IBBY.

O tema do Congresso *A Força das Minorias* foi idealizado pelo jornalista e escritor galego, Xosé Neira Cruz, ex-membro do Comitê Executivo do IBBY por dois períodos (2000-2002 e 2002-2004), representando a seção espanhola. Em 2000 quando ele apresentou a candidatura do Congresso para 2010, em Santiago, parecia algo distante, mas logo contagiou o CE pela empolgação e determinação em realizar o evento. A escolha do lugar foi explicada por ele: 2010 seria um Ano Santo para os espanhóis. A cidade de Santiago de Compostela goza de um privilégio único graças à Bula concedida pelo Papa Calisto II, confirmada por Alexandre III e que determina que, cada ano no qual o dia 25 de Julho - Dia do Apóstolo Santiago- coincidir com um domingo, será declarado Ano Santo Jacobeu, quando se pode ganhar na Catedral de Compostela as graças do Jubileu. A logomarca do 32º Congresso é uma criação do ilustrador galego Xan López Dominguez, considerado um dos autores com maior repercussão internacional da literatura infantil e juvenil da Galícia.

Assim, o Congresso do IBBY



aconteceu em meio à multidão de peregrinos que escolheram esse ano para visitar a cidade e receber a bênção especial. Muitos congressistas aproveitaram a oportunidade para fazer um pequeno trecho do tradicional *Caminho de Santiago*. A organização do Congresso proporcionou aos participantes uma programação especial com belos espetáculos do folclore local, como os imensos bonecos, na imponente praça em frente à Catedral e a apresentação de música, com foles e gaitas, e belíssimos trajes típicos. A cidade também foi palco de muitas manifestações culturais.

O Brasil foi representado no 32º Congresso por uma expressiva

delegação composta por 45 pessoas, segunda maior do evento, atrás apenas dos Estados Unidos com 52 integrantes. Lygia Bojunga e Ana Maria Machado, ganhadoras do Prêmio IBBY/Hans Christian Andersen, respectivamente 1982 e 2000, ganharam destaque na programação, recheada de excelentes conferências, seminários e mesas-redondas.

Os congressos do IBBY são realizados nas cidades e países das seções nacionais que se candidatam para recebê-lo, ficando responsável por sua organização. O Brasil se candidatou, e recebeu o evento no Rio de Janeiro, em 1974, sendo a primeira vez que esse tipo de evento



Representantes do IBBY da América Latina durante o Congresso no Fórum do IBBY.



Lygia Bojunga depois da apresentação do seu monólogo, autografando seus livros

ocorreu fora do hemisfério norte. O segundo ocorrido na América Latina se deu na Colômbia, em 2002.

As atividades do 32º Congresso aconteceram no Palácio de Congressos e Exposição da Galícia, localizado no bairro de São Lázaro, 5 km ao norte do centro histórico da cidade de Santiago. O prédio de 15 mil m<sup>2</sup> abriga um auditório com capacidade para aproximadamente 2 mil pessoas, área de exposição, sala vip, salas, restaurante e cafeteria.

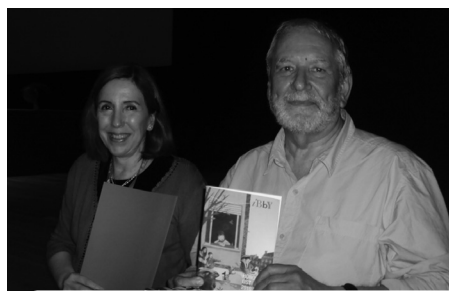
Como parte integrante da programação dos seus Congressos, o IBBY realiza a Assembleia Geral da instituição, quando são eleitos os membros do seu Conselho Executivo para o período de dois anos; o Fórum de discussão entre as seções, organizado por regiões; a reunião dos editores da sua revista *Bookbird*; a entrega dos Diplomas da Lista de Honra do IBBY; do Prêmio IBBY/Asahi de Promoção da Leitura, e com destaque, a cerimônia de entrega do Prêmio IBBY/Hans Christian Andersen, o mais importante reconhecimento concedido pela organização aos autores de livros.

A entrega do Prêmio IBBY/Asahi de Promoção da Leitura 2010 se deu no dia 10 de setembro, em uma cerimônia lindíssima no Hotel dos Reis Católicos, na Praça da Catedral. Kathy Knowles, responsável pelo projeto *Osu Children's Library Fund/OCLF of Ghana*, da entidade canadense que desenvolve projetos de bibliotecas em Gana, recebeu o prêmio ao lado de Joanna Felih, primeira bibliotecária do OCLF e também coordenadora do projeto no local. O escritor espanhol Jordi Sierra i Fabra recebeu o prêmio pelo projeto *Convenio de Cooperación al Plan de*

*Lectura de Medellín*, desenvolvido pela Fundación Jordi Sierra i Fabra, em parceria com a prefeitura de Medellín, na Colômbia. Foi com base no Prêmio IBBY/Asahi de Promoção da Leitura, subsidiado pelo jornal japonês *Asahi Shinbum*, que a FNLIJ começou, em 1994, o Concurso *Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura junto a Crianças e Jovens de todo o Brasil*.

Como mais antigo e prestigiado prêmio internacional de literatura infantil e juvenil, a entrega do Prêmio IBBY/Hans Christian Andersen aconteceu no dia 11 de setembro, no Palácio de Congressos. Há cinco anos a ilha Nami, situada na Coreia do Sul, é a patrocinadora oficial do Prêmio. Em uma bonita cerimônia, os diplomas dos Prêmios IBBY/HCA foram entregues ao escritor britânico David Almond e à ilustradora alemã Jutta Bauer, vencedores de 2010. Em 2006, Jutta Bauer esteve no Brasil, a convite da FNLIJ, para participar do 8º Salão *FNLIJ de Livros para Crianças e Jovens*, quando a Alemanha foi o país homenageado. Além dos vencedores, que fizeram um pequeno discurso, todos os finalistas que puderam estar presentes receberam seus diplomas. O ilustrador Roger Mello e o escritor Bartolomeu Campos de Queirós ficaram entre os finalistas. Roger compareceu à cerimônia acompanhado de sua mãe e de outros familiares, que juntamente com os demais brasileiros presentes vibraram com o autor.

A Lista de Honra do IBBY contempla os livros que ganharam destaque em seu país de origem. Cada seção do IBBY indica um livro para cada uma das três categorias: autor; ilustrador; tradutor. A FNLIJ, como representante da seção



A escritora Graziela Bozano Hetzel e o ilustrador Michelle Iacocca ao receberem o certificado da Lista de Honra do IBBY

brasileira indicou os livros *O jogo de amarelinha* de Graziela Bozano Hetzel; *Rabisco: um cachorro perfeito* de Michelle Iacocca. Os dois autores compareceram à cerimônia, viajando por conta própria, para receber os certificados referentes à Lista de Honra do IBBY.

### A Força das Minorias

A temática *A Força das Minorias* permitiu aos congressistas diversas possibilidades de reflexão em torno da literatura infantil e juvenil, começando por sua representatividade como minoria dentro do contexto literário, ou estabelecendo paralelo como das *Línguas minoritárias: da diferença à sobrevivência e ainda: Leitores estatuto de minorias; Leitores sem infância; Eu sou um leitor, você é um leitor; Globalizando a diversidade e a tolerância através dos livros para crianças*. Foram realizados conferências, mesas-redondas, seminários, painéis, oficinas, exposições, encontros de profissionais. Os idiomas oficiais do 32º Congresso foram o espanhol e o inglês, além do galego, o que possibilitou a apresentação em português para os brasileiros.

A Sala Santiago do Palácio de Congressos e Exposição da Galícia foi cenário da cerimônia de abertura, no dia 08 de setembro, com a presença da Ministra da Cultura, Ángeles González-Sinde Reig, e do Prefeito de Santiago, Xosé Sánchez Bugallo. Responsável pela organização do Congresso, Maria Jesus Gil foi a anfitriã oficial do evento, representando a OEPLI. A ministra espanhola demonstrou conhecer e gostar de literatura infantil e juvenil e terminou sua fala citando o escritor italiano Gianni Rodari, ganhador do Prêmio IBBY/Hans Christian Andersen, em 1970. Logo em seguida, houve uma recepção de boas-vindas, no Hall dos Expositores, quando se deu o encontro de todos os congressistas.

### Exposições

No Hall do Palácio dos Congressos,





Roger Mello e Elizabeth Serra ladeados por Christiane Raade e Jochen Weber, ambos da Biblioteca Internacional de Jovens de Munique – IJB

noventa exposições com diversos temas relacionados à literatura infantil e juvenil, atraíram a atenção dos visitantes. Cinco foram organizadas pelo próprio IBBY: Exposição do Prêmio IBBY/HCA 2010: mostra dos trabalhos dos candidatos e dos vencedores do Prêmio Hans Christian Andersen 2010; *Exposição da Lista de Honra IBBY 2010: mostra das obras indicadas para a Lista de Honra IBBY 2010*; *Exposição do Prêmio IBBY/Asahi 2010: mostra dos projetos vencedores do Prêmio IBBY/Asahi Promoção da Leitura 2010, em seu 20º aniversário*; *Os livros do Centro IBBY de Livros Infantis e Juvenis para Crianças com deficiências de Oslo*; *Ler o Mundo: apresentação de fotografias que retrataram experiências de leitura no mundo, enviadas pelas seções do IBBY*

As demais exposições foram organizadas por diversas instituições. São elas: *Exposição dos 100 de hoje: mostra dos trabalhos dos escritores e ilustradores de literatura infantil e juvenil da Espanha*, patrocinada pelo Ministério da Cultura da Espanha; *A literatura infantil e juvenil galega e as minorias*, patrocinada pela Associação Galega de Editores; *Mundos da História: Histórias do mundo, de 50 anos de literatura infantil e juvenil galega*, organizada por Gálix/Galícia; *22ª Bienal de Ilustrações de Bratislava*; *As caras da multiculturalidade: exposição de livros únicos de Anne Pellowski*.

## Conferências

Entre os dias 9 e 12 de setembro aconteceram, pela manhã, as Conferências Plenárias. De acordo com a programação, à tarde eram realizadas simultaneamente as demais atividades. Entre um período e outro, os congressistas almoçavam no Hotel Puerta Del Camino, em frente ao Palácio dos Congressos. Nas mesas redondas, para dez pessoas, espalhadas em uma gigantesca sala, reuniam as mais diversas culturas e idiomas, em conversas animadas, permitindo uma rica troca de experiências.

Durante o Congresso foram realizadas sete Conferências Plenárias. Emilia Ferreiro (Argentina/México) abriu a série falando sobre *A diversidade na abordagem à escrita: obstáculo ou vantagem educacional?* Emilia, bastante conhecida dos educadores brasileiros, leu seu texto em espanhol, registrando a alegria de poder fazê-lo, lembrando que seu avô era galego. Sempre brilhante e polêmica, ela chamou a atenção sobre a necessidade do respeito à diversidade linguística,

mesmo quando a alfabetização ocorre na mesma língua, propondo em vez da expressão *língua materna* o uso de *língua do berço*.

A segunda conferência foi ministrada pela editora de livros artesanais Gita Wolf (Índia) debatendo a questão das Visões alternativas: *o poder das minorias*. A terceira contou com a presença da escritora Lygia Bojunga (Brasil), apresentando o seu monólogo *Livro – eu te lendo*, em português, com tradução simultânea para o espanhol e para o inglês. A quarta foi ministrada por Victor Montejo (Guatemala/EUA) sobre *No caminho da Ahtz'ib Maya (escritor): Literatura Indígena como uma fonte de conhecimento, poder e identidade*. O Eng. Mohammad Yousef (Afeganistão) levantou, na sexta conferência, a questão das *Crianças de Rua e a Alfabetização: uma visão do Afeganistão*. O escritor Manuel Rivas (Espanha) tratou sobre *A literatura infantil e juvenil como poética insurgência*, encerrando a série de palestras do congresso.

A espanhola Teresa Colomer falou na quinta Conferência Plenária sobre *A literatura infantil: uma minoria dentro da literatura*. Dentro desta edição, apresentamos, o Suplemento *Reflexões sobre Leitura e Literatura Infantil e Juvenil*, o texto completo de Teresa Colomer apresentado no 32º Congresso Internacional do IBBY.

## Mesas-redondas

As cinco mesas-redondas realizadas durante o Congresso debateram ideias, reflexões e propostas sobre assuntos relacionados ao tema. Anne Pellowski (EUA) coordenou a mesa-redonda: *Tradição oral e minorias sem literatura escrita*; Carmen Diana



Mingzhou Zhang, Jant van der Weg-Laverman, Fina Casallerrey, Elizabeth Serra e Miriam G. Mollers, na mesa-redonda: Minorias linguísticas



Durante o almoço coletivo, mais uma oportunidade de encontro entre os congressistas

*minoritários: comédia; Gêneros minoritários: poesia; Tradição oral: a imensa minoria; Cinema e animação/Teatro; Tradução; A ilustração.*

Os 100 seminaristas tiveram os seus trabalhos escolhidos e apresentados no período de 90 minutos. Dos selecionados, 21 são brasileiros, e desses, quatro integrantes do grupo de votantes da FNLIJ. São eles: Alice Áurea Penteadó Martha, João Luis Ceccantini, Maria Teresa Gonçalves Pereira e

Dearden (Venezuela) coordenou o encontro sobre *Ilustração, ferramentas de representação de minorias*; Julinda Abu-Nasr (Líbano) coordenou a mesa-redonda: *Meninas: minorias ou maiorias?*; Philippe Claudet (França), a *Leitura e leitores com necessidades especiais*.

Elizabeth Serra (Brasil) coordenou a mesa-redonda: *Minorias lingüísticas*, composta por Fina Casalderrey (Espanha), Miriam G. Möllers (Alemanha) e Jant van der Weg-Laverman (Países Baixos), quando aproveitou a oportunidade para parabenizar a organização do congresso pela qualidade dos palestrantes, lembrando que Xosé Neira o idealizou. Elizabeth Serra, a pedido da organização, escreveu um texto sobre a literatura infantil e juvenil indígena no Brasil, intitulado *A FNLIJ e a Literatura Infantil e Juvenil Indígena*, para constar nos anais do Congresso.

## Seminários

Os 12 temas de cada um dos seminários realizados durante o 32º Congresso foram previamente sugeridos por congressistas e selecionados pelo Comitê Científico do IBBY. Cada encontro teve um tema diferente; todos relacionados *A Força das Minorias*. São eles: *Minoria de gênero e opção sexual; Minoria lingüística e cultural; Literatura infantil e juvenil contra a invisibilidade cultural; Meios de comunicação e globalização; Outras formas de minorias; Editar desde a minoria; Promoção de leitura; Gêneros*

*Vera Teixeira de Aguiar. Destaque para a escritora Nilma Lacerda que apresentou o tema *Bonecos de pau, abraços, girinos e sapos: a poética do mal-estar na ficção para jovens na América Latina*.*

## Oficinas

Também foram desenvolvidas cinco oficinas com temas diversos. Philippe Claudet (França) coordenou a primeira, trabalhando o tema *Tato com livros ilustrados – teoria e prática*. O trio de escritoras formado por Cecilia Silva Diaz (Espanha), Brenda Bellorín (Espanha) e Evelyn Arizpe (Reino Unido) coordenou a segunda, sobre *Viagens visuais com os leitores migrantes*. As três coordenaram no dia seguinte a oficina *Travessias visuais com leitores imigrantes*. A espanhola Eva Mejulo coordenou a oficina sobre *O papel das imagens em publicações da literatura infantil*.

A oficina *Desenvolvimento e entendimento literário por meio de linhas internacionais: uma experiência teatral de leitores em cinco atos*, idealizada e coordenada por Elizabeth Poe (EUA), foi no pátio da Sala Santiago com os escritores Ana Maria Machado (Brasil), David Almond (EUA), Marcos S. Calveiro (Galícia, Espanha) e Maria Reimóndez (Galícia, Espanha). A oficina consistia nas leituras de textos de quatro livros, um de cada autor, feitas pelos autores, apresentando as vozes dos vários personagens de cada história. As leituras foram feitas ao microfone. Todos estavam vestidos de

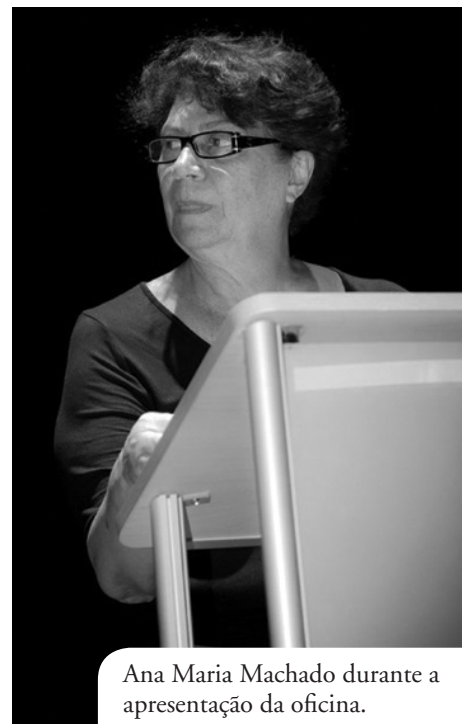
preto, em pé ou sentados em bancos altos, em frente à púbitos, e eram lidas com suspense, espanto, ironia, afeto ou comicidade, como uma proposta para aproximação dos jovens com a literatura. Após a apresentação, os autores responderam a perguntas feitas pela coordenadora sobre seus livros e como sentiram a experiência.

## Encontro de Profissionais

No último dia houve o *Encontro de profissionais: bibliotecários*, com a participação da polonesa Maria Kulik e do holandês Rian van de Sande; o *Painel de Editores*; o Fórum IBBY e a Assembleia Geral do IBBY.

## Revistas

A revista oficial do IBBY, a *Bookbird*, número 4, entregue aos congressistas, foi uma edição especial sobre o Prêmio IBBY/HCA 2010. Todos os finalistas ao prêmio tiveram uma pequena biografia com foto publicada na revista. O escritor Bartolomeu Campos de Queirós e o ilustrador Roger Mello, ambos finalistas, tiveram suas obras destacadas nessa edição. O poema *Família Poliglota*, do escritor mineiro, ganhou uma publicação bilíngue, português e inglês, e a arte de Mello ilustrou a matéria sobre os ilustradores.



Ana Maria Machado durante a apresentação da oficina.



A revista espanhola *Cuadernos de Literatura Infantil y Juvenil-CLIJ*, especializada em literatura infantil e juvenil deu destaque ao 32º Congresso Internacional do IBBY, escrito a quatro mãos por Henrike Fesefeldt (Doutora em História Contemporânea e organizadora do 32º Congresso), juntamente com a tradutora Isabel Soto. “Pode-se sustentar que, apesar de sua aparente vulnerabilidade, tem sido a força das minorias que tem movido a humanidade através da sua história, com sua luta por reconhecimento e melhora de sua situação vital” (trecho retirado da matéria).

### Assembleia

A Assembleia Geral do IBBY se deu no último dia do Congresso, no Palácio de Congressos e Exposições da Galícia, seguindo a programação fixa do IBBY em todos os congressos internacionais. Atualmente o IBBY tem 72 países membros da instituição. Desses, 62 estiveram presentes à reunião, sendo seis por representatividade. O grupo elegeu a nova gestão para o biênio 2010 – 2012. São eles: presidente do IBBY, Ahmad Redza Ahmad Krairuddin (Malásia); presidente do júri do Prêmio HCA, María Jesús Gil Iglesias (Espanha); membros do Comitê Executivo: Marilar Aleixandre (Espanha); Gülçin Alpöge (Turquia); Hasmig Chahinian (França); Wally de Doncker (Bélgica); Nadia El Kholy (Egito); Jehan Helou (Palestina); Kiyoko Matsuoka (Japão); Linda Pavonetti (EUA); James Tumusiime (Uganda); Mingzhou Zhang (China).

O encerramento do 32º Congresso Internacional do IBBY ocorreu no próprio Palácio de Congressos e Exposição da Galícia. Patricia Aldana, já como ex-presidente do IBBY, agradeceu aos membros do Comitê Executivo que partilharam com ela o último biênio da sua gestão (2008-2010), e apresentou ao público o novo presidente do IBBY, o malaio Ahmad Redza Ahmad e os novos membros do Comitê Executivo. Emilia Gallego recebeu a Menção Honrosa por ser a Fundadora da seção cubana do IBBY.

Depois da cerimônia, foi oferecido um jantar de gala no Pazo de San Lourenzo, para onde os congressistas foram levados de ônibus a partir dos hotéis oficiais. O bellissimo prédio, declarado Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, acolheu a todos em mesas nas varandas que circundavam o jardim central e nas salas que se espalhavam pelo andar. Como último evento oficial da programação, tão logo os congressistas terminavam o maravilhoso jantar, saíam de seus lugares para as despedidas, expressando o sucesso do evento e a expectativa de reencontros no próximo congresso, em 2012, na cidade de Londres.

### Vamos à Londres em 2012!

O 33º Congresso Internacional do IBBY será em Londres entre os dias 23 a 26 de agosto de 2012. O tema *Cruzando Fronteiras: Traduções e Migrações*, propõe o debate sobre questões como a dos livros e histórias para crianças e jovens que atravessam fronteiras de diversos países e culturas; a globalização; textos bilíngues; intercâmbio cultural e a arte da tradução.

A logomarca do 33º Congresso é uma criação do ilustrador inglês Anthony Browne, vencedor do Prêmio Children’s Laureate 2009, e do Prêmio IBBY/Hans Christian Andersen em 2000, mesmo ano em que Ana Maria Machado ganhou como escritora. Ele também assina a Carta de Boas-vindas do Congresso, que será realizado no Imperial College de Londres, em South Kensington, centro cultural de Londres. Em 2012, a cidade londrina estará sediando os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, marco histórico para os

ingleses que estão programando várias atividades comemorativas. Segundo os organizadores no final de agosto o tempo estará bom! Mais informações sobre o 33º Congresso no site [www.ibbycongress2012.org](http://www.ibbycongress2012.org)

### Brasileiros presentes ao 32º Congresso Internacional do IBBY:

Alice Áurea Pentead Martha; Amaya Obata Mouriño de Almeida Prado; Ana Maria Gomes de Almeida; Ana Maria Machado; Aurea Maria Alencar R. de Oliveira; Claudia Mendes; Cristina Souza Santos Maseda; David Hetzel; Edalma Ferreira Paes; Elda Nogueira; Elizabeth Serra; Erislane Rodrigues Ribeiro; Flávia Lins e Silva; Gabriela Dutra Gibrail; Gisele da Paz Nunes; Graziela Bozano Hetzel; Isabella Massa de Campos; João Luis Cardoso Tapias Ceccantini; José David Borges Junior; José Roger Soares de Mello; Juliana Pádua Silva Medeiros; Luciana Savaget; Lygia Bojunga; Marco Coiatelli; Maria Alexandre de Oliveira; Maria Cecília Fittipaldi Vessani; Maria Dolores Prades; Maria Francisca Mendes; Maria Laura Pozzobon Spengler; Maria Teresa Gonçalves Pereira; Maria Zaira Turchi; Marisa Iniesta Martin; Marly Amarilha; Neide Medeiros Santos; Nilma Gonçalves Lacerda; Paulo Lacerda; Renata Junqueira de Souza; Rosane Aparecida da Silva; Sandra Patrícia Ataíde Ferreira; Sirlene de Lima Corrêa Cristóvão; Terezinha Costa Hashimoto Bertin; Vania Cristina Alexandrino Bernardo; Vera Teixeira de Aguiar; Wania Maria Previattelli; Yara Maria Miguel.



No intervalo das atividades as conversas e os encontros continuavam animadamente

# Nota de falecimento da escritora Maria Elena Walsh, da bibliotecária Britt Isaksson e do advogado Raphael de Almeida Magalhães.

## Maria Elena Walsh

**A** poetisa e cantora argentina, Maria Elena Walsh, faleceu no dia 10 de janeiro de 2011, deixando uma obra de extrema importância para a literatura infantil e juvenil argentina. Formada pela Escola Nacional de Belas Artes, criou personagens como a Tartaruga Manuelita, fonte de inspiração para o filme *Manuelita* de Manuel García Ferre. Seus poemas foram musicados por Mercedes Sosa e Joan Manuel Serrat. Em 1985 foi nomeada *Cidadã Ilustre da Cidade de Buenos Aires* e, cinco anos depois, *Doutor Honoris Causa da Universidade Nacional de Córdoba*, e *Personalidades Ilustres da Província de Buenos Aires*. Em 1994, lançou a coleção completa de suas canções para crianças e adultos, e, em 1997, *Manuelita, onde você vai?* Apesar da vasta obra literária infantil e juvenil, não há registro de nenhuma publicação de seus livros no Brasil.

## Britt Isaksson

**A** Britt Isaksson partiu no dia 28 de janeiro, deixando saudade para quem conviveu com essa extraordinária incentivadora da literatura infantil e juvenil. A bibliotecária, jornalista e produtora de televisão, especializada em questões de cultura para crianças e jovens adultos, por muitos anos, esteve envolvida ativamente no IBBY. Em 1992, no Congresso de Berlim, foi eleita para o Comitê Executivo, e foi reeleita, em 1994, quando se tornou vice-presidente até 1996. Entre muitas outras funções, atuou como jurada no Prêmio IBBY/Asahi, entre 1994 e 1997.

Britt estudou História da Arte na Universidade de Uppsala e Biblioteconomia da Universidade de Estocolmo. Passando a ser um instrumento de difusão na Suécia para as crianças, seus pais e professores. Desde 1970, Britt se manteve ativa na seção sueca do IBBY e no seu

Conselho de Administração. O seu envolvimento com o IBBY foi internacional, especialmente na América Latina. Seu incentivo e apoio foram muito bem recebidos por todos. Seu último compromisso com IBBY foi como presidente de uma mesa-redonda no 32º Congresso do IBBY 2010, em Santiago de Compostela. No convite para a cerimônia do seu memorial destaca-se a solicitação a seguir, que demonstra como era profundo o seu compromisso com o IBBY e a sua causa: Em vez de flores, por favor, contribuam para os projetos de leitura na América Latina – IBBY. Seja por crédito ou banco. Por favor, marcar na sua contribuição BRITT. Em 2007, esteve no Brasil, a convite da FNLIJ, para participar do 9º Salão FNLIJ de Livros para Crianças e Jovens, quando a Suécia foi o país homenageado. Gentilmente escreveu um artigo sobre a sua visita para o Notícias 9, de 2007, quando agradece à FNLIJ a oportunidade dessa experiência. “O meu muito obrigado,



Maria Elena Walsh



Britt Isaksson

de coração, à Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ por essa maravilhosa experiência com livros e pela generosidade em me proporcionar essa fantástica visita ao 9º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens.” (trecho retirado do artigo de Britt Isaksson publicado no Notícias 9).

**Leia no Box o artigo de Ana Maria Machado sobre Britt.**

## Raphael de Almeida Magalhães

No dia 29 de janeiro faleceu, em sua residência, Raphael de Almeida Magalhães. Mineiro, radicado no Rio de Janeiro, formou-se em Direito e exerceu diversos cargos políticos. Foi vice-governador no governo Carlos Lacerda, ministro da Previdência no governo José Sarney e atualmente integrava o Conselho de Administração do grupo EBX, do empresário Eike Batista. Dr. Raphael de Almeida Magalhães foi membro do Conselho Curador da FNLIJ, de 1998 a 2002.



Raphael de Almeida Magalhães

# CELEBRANDO BRITT ISAKSSON

## Ana Maria Machado

Conheci Britt Isaksson em Bolonha, acho que em 1980 ou 1981, quando ela me entrevistou para a rádio sueca em que trabalhava. Ao falar em minha obra, inseri o que escrevia dentro do quadro geral da literatura infantil brasileira, mencionando os muitos autores de qualidade que tínhamos, citando seus trabalhos e mostrando seus livros no estande da FNLIJ. No ano seguinte, por sua recomendação, entrevistei-me a jornalista de uma revista sueca, que acabou dedicando várias páginas a nossos livros. E logo houve outra matéria, de outra revista. E outras. Nesse momento, havia muitos latino-americanos como exilados políticos na Escandinávia e o público de lá tinha curiosidade sobre nós. Britt aproveitou isso e ajudou a organizar em Estocolmo, em 1986, um seminário sobre a literatura de nossos países. Atuando em perfeita sintonia com um grupo que incluía, além de mim, a venezuelana Carmen Diana Dearden e a chilena Verónica Uribe, Britt Isaksson ajudou a criar oportunidades, fazer contatos e abrir brechas. Em outras palavras, ajudou a trincar nossa invisibilidade. Aos poucos, nossos livros foram sendo publicados na Suécia, na Noruega, na Dinamarca. De lá, se irradiaram aos poucos por outros países.

Nesse processo, algo na atitude de Britt merece ser destacado:

ela jamais paternalizou nosso trabalho. Nunca teve conosco qualquer atitude que pudesse parecer condescendente, diferente de tantos outros casos que tendiam a ver o que criávamos pelo olhar do politicamente correto, como se fôssemos coitadinhos a merecer uma cota qualquer num catálogo editorial, desde que falássemos nos problemas de miséria, injustiça e obscurantismo que deveriam nos caracterizar frente aos países desenvolvidos. Ao contrário dessa atitude superior e indulgente, tão comum, que buscava aplacar a consciência europeia com a caridade de dar uma chance aos pobres coitados ou espertamente chamar a atenção para o exotismo (atitudes tão bem estudadas por Joel Franz Rosell), Britt ajudou a abrir um caminho diferente – o de valorizar nossa qualidade artística. Para isso, valeu-se do respeito, convencida de que tínhamos o que dizer e merecíamos ser ouvidos. Mais que isso, como nos ouvia e procurava nos ler, tinha certeza de que estávamos escrevendo para crianças de uma maneira nova e original, que precisava ser reconhecida e valorizada. Viajou por nossos países, estimulou seus filhos a fazer o mesmo, estudou espanhol, aprendeu algum português. Tudo isso a ajudou a ser muito eficiente na divulgação de nossa literatura infantil – a qual, diga-se de passagem, nunca considerou secundária em relação



à literatura latino-americana, então vivendo o seu grande boom internacional. Depois de levar nossas obras à imprensa nórdica, fez com que ela chegasse aos especialistas das universidades, que passaram a acompanhar o que fazíamos. Está na origem de alguns dos belos estudos que nelas tivemos e de algumas portas que se abriram para prêmios internacionais recebidos por nossos autores.

Jamais seremos capazes de agradecer suficientemente a Britt Isaksson pelo que fez em favor do livro infantil latino-americano na Europa.

No meu caso, também traduziu alguns de meus livros para o sueco, permitindo que a partir

daí alcançassem outras línguas nórdicas. Fez isso com dedicação e atenção aos detalhes, consultando-me o tempo todo sobre eventuais dúvidas e possíveis opções. Pessoalmente, vivo sua morte como uma grande perda, a de uma grande amiga. Vou sentir muita falta de sua alegria, de sua amizade generosa, de suas qualidades humanas tão nítidas e raras, sempre celebrando a vida e confiante no futuro. Vestia-se em cores solares, gostava de bons vinhos e boa comida, apreciava música, design e artesanato, cercava-se de amigos interessantes que fazia questão de trazer para confraternizações mútuas, multiplicando uma rede pessoal fascinante. Encontramos em vários países por este mundo afora, no decorrer de tantas

viagens, sempre com alegria. Com umas poucas velas e algumas flores e frutas do mercado da esquina, mais algum tira-gosto para acompanhar um copo de jerez, sabia recriar em seu quarto de hotel, em qualquer canto, a atmosfera de seu gostosíssimo apartamento em Estocolmo, onde me hospedei mais de uma vez, com uma varandinha dando para a cúpula de uma igreja, entre ilhas e braços do mar.

Vou sentir muita falta da amiga, celebrante da vida. E nessa despedida, ergo um brinde à sua memória e trago estas lembranças agradecidas de alguém que merece ser reconhecida pelo tanto que fez por nós todos e pelas sementes que plantou.

## MANTENEDORES DA FNLIJ

Abrelivros; Ação Social Claretiana (Ave Maria); Agência Literária BMSR (Agência Riff); Artes e Ofício Editora Ltda; Autêntica Editora Ltda; Barsa Planeta Internacional; Berlendis Editores Ltda; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Callis Editora Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Centro da Memória da Eletricidade no Brasil; Comércio Nac.Edt de Livros Ltda – CONEL; Companhia das Letrinhas; Companhia Editora Nacional – IBEP; Cortez Editora e Livraria Ltda; Cosac Naify Edições Ltda; DCL - Difusão Cultural do Livro Ltda; Distribuidora Record de Serv. De Imprensa; Duna Duetto Editora Ltda; Edelbra Ind. Gráfica e Editora Ltda; Edições Escala Educacional Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora Brasiliense; Editora Dimensão Ltda; Editora do Brasil S/A; Editora e Distribuidora Ciranda Cultural Ltda; Editora FTD S/A; Editora Fundação Peirópolis Ltda; Editora Globo; Editora Guanabara Koogan S/A; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Larousse do Brasil; Editora Lê/Compor; Editora Leitura; Editora Manole; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Mercuryo Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem Ltda; Editora Nova Alexandria Ltda; Editora Nova Fronteira S/A; Editora Objetiva Ltda; Editora Original (Panda Books); Editora Positivo; Editora Projeto Ltda; Editora Prumo Ltda; Editora Rideel Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Salamandra Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Sextante/Marcos da Veiga Pereira; Editora Vermelho Marinho Usina de Letras Ltda; Elementar Publicações e Editora Ltda; Escolas Profissionais Salesianas; Florescer Livraria e Editora Ltda; Fundação Casa de Lygia Bojunga; Girafinha Editora; Girassol Brasil Edições Ltda; Gráfica Editora Estampapa Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Imperial Novo Milênio Gráfica e Editora Ltda; Inst. Bras de Edições Pedagógicas -IBEP (RIO); Inst.Cultural Aletria Ltda; Jorge Zahar Editor; L&PM Editores S/A; Littere Editora Ltda; Livros Studio Nobel Ltda; Manati Produções Editoriais Ltda; Mazza Edições Ltda; MR Bens Editora e Gráfica Ltda. (Ao livro técnico); Noovha América Editora Distrib. De Livro Ltda; Pallas Editora e Distribuidora; Paulinas - Pia Soc. Filhas de São Paulo; Paulus - Pia Soc. de São Paulo; Pinakothek Artes Ltda; Pinto e Zincone Editora Ltda; Planeta do Brasil Ltda; PwC; RHJ Livros Ltda; Rovel Edições e Comércio de Livros; Saraiva S/A Livrários Editores (Atual / Formato); Sindicato Nacional dos Editores de Livros – SNEL; Uni Duni Editora Ltda; WMF Martins Fontes Editora Ltda; Zit Editora.

**EXPEDIENTE** Fotolito e Impressão: PwC • Editor: Elizabeth D'Angelo Serra • Jornalista: Claudia Duarte – Mtb. 27.571/RJ • Revisão: Nadja Maria Castilho da Costa • Diagramação: Horacio Costa Design • **Gestão FNLIJ 2008-2011** • **Conselho Curador:** Alexandre Martins Fontes, Carlos Augusto Lacerda, Laura Sandroni, Luiz Alves Junior, Sonia Machado Jardim, Suzana Sanson. **Conselho Diretor:** Gisela Pinto Zincone, (Presidente), Ísis Valéria Gomes e Alfredo Gonçalves. **Conselho Fiscal:** Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Terezinha Saraiva. Suplentes: Jorge Carneiro, Mariana Zahar Ribeiro e Regina Bilac Pinto **Conselho Consultivo:** Alfredo Weiszflog, Ana Lígia Medeiros, Annete Baldi, Beatriz Hetzel, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, Ferdinando Bastos de Souza, Jefferson Alves, José Alencar Mayrink, José Fernando Ximenes, Lilia Schwarcz, Maria Antonieta Antunes Cunha, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Regina Lemos, Rogério Andrade Barbosa, Silvia Gandelman e Wander Soares • **Secretária Geral:** Elizabeth D'Angelo Serra.

**Associe-se à FNLIJ e receba mensalmente o Notícias.**

telefone: 21 2262-9130

e-mail: fnlij@fnlij.org.br

[www.fnlij.org.br](http://www.fnlij.org.br)

APOIO

**pwc**

Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil Tel.: (0XX)-21-2262-9130 Fax: (0XX)-21-2240-6649 E-mail: fnlij@fnlij.org.br

**IMPRESSO**



# Literatura infantil: uma minoria dentro da literatura

Teresa Colomer

A escritora espanhola Teresa Colomer apresentou o texto a seguir no 32º Congresso Internacional do IBBY, em Santiago de Compostela, durante a Conferência Plenária na qual foi convidada. A autora, já conhecida do leitor brasileiro por seus três livros publicados no Brasil:

*Andar entre livros: a leitura literária na escola; A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual; e Ensinar a ler, ensinar a compreender,* nos apresenta suas reflexões sobre os desafios da literatura infantil e juvenil traçando uma retrospectiva, organizada em oito pontos que ela denomina de debates ou espaços.



Quando os organizadores do congresso me propuseram este título, devo confessar que duvidei de que fosse capaz. Dava a impressão de que contemplar a literatura infantil como uma minoria combativa era mais uma coisa do passado que deste presente que fomos conquistando. No entanto, o congresso nos convocava a uma interessante perspectiva moderna: entender um campo de estudo sócio-cultural como uma encruzilhada de tensões entre áreas e tendências minoritárias e majoritárias. Assim sendo, parecia realmente obrigatório dar um espaço à literatura infantil contemplada em si mesma, como literatura. Pus-me,

então, a refletir sobre os desafios que um espaço de *experiência literária autêntica* para crianças coloca para as forças majoritárias de variados matizes ao longo de sua constituição\*. Identifiquei oito debates principais. Uma primeira constatação surpreendente foi comprovar que compareci a todos durante minha vida profissional. De forma que, ao contrário da minha sensação inicial de “passado”, concluí que, na maioria dos casos, não é possível dar como resolvidas as tensões de uma literatura infantil de qualidade com relação a esses oito espaços, enquanto que, noutros, elas acabam de estrear.

\* Neste momento, durante a Conferência do 32º Congresso Internacional do IBBY, a autora projetou a imagem de Themerson sobre Alice no País das Maravilhas, como forma de representar o que ela chama de experiência literária autêntica.



FNLIJ

DESDE 1968

Notícias

# Suplemento

Reflexões sobre leitura e literatura infantil e juvenil. Fascículo nº 41

## 1. Quanto à literatura de tradição oral: a história de uma amizade

Como todos sabem a força do nascimento de uma literatura para crianças produziu gêmeo: uma parte do folclore tornou-se específica desse público. Não muito tempo depois, uns poucos autores escreveram para outras tantas crianças a fim de diverti-las. Com esse propósito, adotaram certo ar transgressor diante das normas e do mundo adulto. Alison Lurie nos deu um título expressivo para essa força subversiva dos clássicos infantis: *Don't Tell the Grown-Ups* (1989). Nascia uma cumplicidade de distanciamento entre o próprio entorno um alívio para a ficção e o lúdico. E onde se encontravam até então a ficção e o lúdico infantil senão no folclore? Para abrir um novo espaço, uma clareira entre os frívolos livros didáticos, os autores inevitavelmente se socorreram da irmã, a literatura de tradição oral.

Ambos os tipos de literatura mantiveram sua essência literária. Como foragidos, situaram-se fora da lei e do curral da literatura infantil denunciado por Graciela Montes (2001). Portanto, essa aliança literária não só precisou fazer esforço para nascer como também compartilhou a tensão de ser colocada sob suspeita numa maré que avança e recua com o passar do tempo. Finalmente, na década de 1970, a descrição estruturalista do folclore e a interpretação de sua relevância a partir da ótica antropológica e psicanalítica pareceram encaixar definitivamente tanto a fantasia simbólica do folclore quanto a inexistência de temas vedados a crianças na literatura infantil moderna.

Não obstante, o pulso se manteve em incertas, porém concretas indagações: Qual é o grau de violência e crueldade que se pode aceitar nos contos infantis? Quais são os estereótipos culturais que devem ser evitados ou renovados? É possível ou conveniente trair a confiança do leitor no triunfo do herói? Não preservar a esperança no desenlace das histórias? São indagações que exploram, de maneira pertinente, as fronteiras do discurso social dirigido à infância. Mas às vezes também obedecem à perplexidade dos que se aproximam pela primeira vez deste corpus a partir da ótica adulta. Sabe disso qualquer um que conheça as aulas de formação docente, com alunos horrorizados diante de detalhes cruéis do folclore ou diante de pesados temas sociais dos livros atuais; ou quem quer que assista às polêmicas pontuais nos meios de comunicação. Assim, por exemplo, no esteio de certas declarações desafortunadas ou mal-interpretadas do Instituto da Mulher, na Espanha, pelo menos dez autores de reportagens ou relatórios acadêmicos de todo tipo me interrogaram ansiosamente sobre o sexismo dos contos

populares.

Ainda que tenha jogado no mesmo time, ambos os tipos de literaturas estabelecem relações complexas entre si. Nas últimas décadas, houve avanços na tarefa de distingui-las, radiografias que modificam nossas ideias a cerca desses dois corpos constitutivos. Em primeiro lugar, os estudos folclóricos nos fizeram tomar consciência de que as produções que migraram foram uma exígua minoria que se mantém apesar da redução do público infantil no momento, e também nos contaram sobre os diferentes tipos de modificações que sofreram apenas nesse traslado. Em segundo lugar, erradicou-se a premissa básica de que o folclore se constitui na primeira etapa literária das crianças, uma vez que, desde o primeiro momento, a literatura oral co-existe com outros veículos da ficção, como os livros para não-leitores ou os audiovisuais – uma mudança de perspectiva importante para atuar na formação de leitores. Em terceiro lugar, descobrimos até que ponto a atual produção de livros infantis se afastou substancialmente das características do folclore. O que não impede que, paradoxalmente, os contos populares sejam a estrela convidada de formas artísticas muito próprias da escrita, como a intertextualidade deliberada e a vontade de se fazer uma re-interpretação dos clássicos.

Nesta batalha conjunta pela constituição de uma literatura infantil autêntica surgiram recentemente novos perigos, dos quais citaremos três: Um é a perda do folclore nas sociedades pós-industriais. Já faz tempo que o folclore se viu obrigado a refugiar-se nas escolas para ser transmitido, mas esse reduto parece ameaçado pelas novas gerações de professores que não possuem essa experiência literária como própria e que tampouco a encontram em sua parca formação docente. O segundo é que as versões audiovisuais impuseram seus vieses às velhas histórias, de forma inexorável, e isso esterilizou, em muitos casos, a potência literária da tradição. O terceiro é a banalização da literatura de tradição oral em incontáveis versões modernas que jogam despropositadamente com o imaginário coletivo e que o reformulam superficialmente sem ampliar seu eco interpretativo.

A conclusão neste campo é, pois, a de lutar para manter a força de uma aliança tão produtiva.

## 2. Quanto à pedagogia: a confusa luta pela independência

A literatura infantil nasceu confrontada com esses livros que “*têm todas as características da escola dominical*”, como sentenciou o protagonista d’*As Aventuras de Huckleberry Finn*, de Mark Twain. Ganhar a independência quanto

à “madrasta pedagógica” se converteu num projeto profissional e quase ético para uma parte dos autores, mediadores e críticos. “A literatura contra a pedagogia” deu razão de ser a dois times adversários que, como em tantos debates educativos, extrapolaram seus argumentos até se sentirem seguros e confortáveis. Uns com suas opiniões, outros com suas práticas.

Já que os livros para crianças apareceram ligados ao ensino fundamental, a escola se converteu no principal campo de batalha entre as bandeiras contrapostas da leitura livre e da leitura escolar. Anne Marie Chartier e Jean Hébrard (1994) nos descreveram a constituição desses discursos no bojo das sociedades ocidentais ao longo do século XX. E muitos outros autores, como Bruno Bettelheim e Karen Zelan (1981), revelaram e denunciaram a artificialidade e a escassa eficácia dos livros para aprender a ler, dos livros classificados por cursos e faixas etárias, dos livros com conteúdos prévios à risca dos currículos escolares ou da ideologia defendida, ainda que anti-autoritária – livros definitivamente alheios à experiência literária. Os livros de valores transversais ou a incidência da política da correção são os últimos capítulos dessa história dos livros escritos por ditado.

Ainda assim, a realidade se mostra sempre mais complexa que os autocomplacentes discursos de denúncia. Em primeiro lugar, porque o campo literário não se divide em dois. A função moral não se circunscreve aos livros infantis. Sempre foi um dos propósitos da literatura popular, seja nas vidas de santos, nos folhetins do século XIX, nas séries televisivas ou na ficção atual de grande consumo. Podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que a verdadeira função educativa da literatura foge desses esquemas simplistas e opera a níveis muito mais sutis. Mas é uma opção de natureza artística, mais que de intenção. Por exemplo, haveria muito que dizer sobre a complexidade das relações artísticas e educativas que se encontram na base de gêneros tão nobres como o épico ou o romance histórico. Ou sobre o *continuum* entre propósitos deliberados ou não das obras que nos revelam a condição humana. Algo que permite José M<sup>a</sup> Merino (1997) afirmar, comentando os romancistas do século XIX, que “*nossa cultura está carregada de condutas aninhadas ao longo de gerações e que têm como referência, precisamente, os modelos de comportamento desenvolvidos nas ficções literárias, que nos ensinaram, não a pensar ou sentir, mas a conhecer nossos sentimentos e nossas atitudes, a diversificá-los e a colocá-los em seus devidos lugares*”. E mesmo em sua

vertente mais declaradamente didática, tampouco parece que a literatura infantil deva prescindir de uma quantidade notável de livros que brincam e elaboram de forma artística materiais indubitáveis de aprendizagem, como a distinção das cores, os números aritméticos ou determinados temas de conduta moral.

Em segundo lugar, a relação é mais complexa porque o discurso entre leitura livre – arte e entretenimento – e leitura escolar – formação – deixou de ser dualista. Há décadas que a escola abriu as portas para um corpus não didático de livros e também faz tempo que se estabeleceu um amplo leque de atividades de leitura muito diversificadas, inter e extraescolar. Sem dúvida, há que se admitir que pela mesma porta se enfileiram novas modalidades de livros didáticos. Mas também há que se constatar que o retrocesso de juízos educativos cedeu terreno simplesmente às leis conservadoras do mercado.

Em terceiro lugar, a questão também tem mais matizes porque os estudos sobre a recepção e a prática leitora mostram que os livros que constroem leitores nem sempre se destacam por sua qualidade artística. Ainda sabemos pouco acerca do impacto das obras sobre os leitores, pouco dos filtros que os levam a escolher alguns elementos e a abandonar outros, dos modos de ler que a toda hora colocam a mensagem educativa na atividade do leitor e não nas características do texto. Tudo isso pede atenção à ótica leitora que, evidentemente, não divide os textos em duas pilhas distintas.

A conclusão neste campo, então, assinala a força da independência literária bem entendida, da atenção com a ótica do leitor e a dignidade dos livros instrutivos.



Helen Oxenbury - Alice



### 3. Quanto à literatura sem adjetivos: a abertura do monte olimpo

Uma vez conquistada certa autonomia com respeito à pedagogia, os livros infantis se consideraram com méritos suficientes para atrair o olhar da crítica literária. Empreenderam, pois, uma luta tenaz para se entender com a palavra “literatura” e não serem considerados simplesmente ficção, narrativa, versificação ou dramatização. Desde o início, os estudos literários se desentenderam com a literatura infantil, considerando-a, numa expressiva metáfora de Lolo Rico, “*castelos de areia frente à verdadeira arquitetura*” (Rico, 1986). O desprezo havia se estendido ao folclore já que, ao final das contas, este não fora criado “para crianças”. E também foram tolerados com certa condescendência os romances juvenis clássicos já que, ao final das contas, remetiam à literatura popular das sociedades modernas. Com isso, cabe a suspeita de que, por décadas a fio, os críticos somente aceitaram de fato suas próprias literaturas infantis.

Em nosso Congresso de 2000, falei precisamente da forma como se foi ganhando essa batalha (Colomer, 2002a), de maneira que não me aprofundarei nisso agora. Cabe apenas recordar que o caminho não foi fácil. Dizia então: “*a partir dos parâmetros do idealismo alemão, a partir da estética simbolista do início do século, do formalismo russo, da estilística francesa e alemã ou da Nova Crítica anglo-americana, que densidade literária se poderia esperar de um texto destinado a leitores tão pouco competentes?*” Na fronteira dos anos 70, tentou-se encontrar uma saída postulando-se que a literatura infantil e juvenil era um gênero literário específico. No fluxo do estruturalismo, teve início, então, uma busca e captura desesperada de marcas de “literariedade” nas obras infantis. Tratava-se de demonstrar que eram da mesma família literária que as dos adultos: iguais, ainda que “específicas”. Por sorte, na década seguinte a teoria literária tinha ampliado seus interesses na direção de considerar o leitor, na direção da literatura como sistema e do circuito literário das obras numa sociedade determinada. Teoria da recepção, teoria de sistemas, pragmática... Já que a literatura infantil se define por seu destinatário, essa ampliação foi essencial. O antigo eixo hierarquizado de valoração literária, com o vértice colocado na máxima tensão literária da onda expansiva de um poema, se converteu num terreno mais variável e articulado, um terreno que, para a crítica da literatura infantil, fundia a análise do texto, a recepção do leitor e a mediação educativa.

A partir dessa história constitutiva, a novidade nesta última década é que os estudos literários sobre literatura infantil intensificaram seu desenvolvimento através de uma rica perspectiva multidisciplinar. Agora

é muito mais frequente encontrar equipes de pesquisa, proliferaram os cursos universitários, abundam sites na internet e revistas de crítica, e ocorrem incessantes encontros acadêmicos ou de divulgação entre todos os setores implicados e na maioria dos países. A crítica da literatura infantil não apenas selecionou e importou todo tipo de instrumento de análise e resultados das outras disciplinas como também começou a desafiá-los com perguntas estimulantes que surgiram precisamente do próprio campo; porque é a possibilidade de formular suas próprias indagações o que define uma perspectiva nova do conhecimento, como a que alcançamos.

A conclusão neste campo, então, é comprovar a força da teoria: com a casa grande dos estudos literários, novas óticas valorativas e uma onda expansiva do conhecimento.

### 4. Quanto ao debate cultural: a conquista relativa dos meios de comunicação

A demanda neste campo supõe uma prolongação do desejo de reconhecimento anterior; mas em extensão, não em intensidade. Se é incômodo para os autores que escreveram ocasionalmente para crianças, a começar pelo próprio Andersen, que sua fama esteja vinculada a esse produto “menor”, é incômodo para os autores de literatura infantil deixar de receber críticas mais detalhadas e extensas de suas obras, ainda que mais espaço possa implicar em receber críticas menos elogiosas do que agora lhes propiciam as pequenas resenhas publicadas nos meios de comunicação. À medida que ia se desenvolvendo o setor, ia se generalizando a queixa sobre a “invisibilidade” da literatura infantil nos programas culturais, revistas ou promoções.

Diante disso, é necessário sinalizar logo de início que o grau de atenção dos meios de comunicação não é surpreendente. Por um lado, é resultado do espaço que a cultura e a infância recebem na difusão social. Por outro, os profissionais da comunicação não recebem formação sobre livros infantis e as conquistas mencionadas no parágrafo anterior não lhes dizem respeito, de modo que se perpetua aqui a antiga hierarquia de valores culturais.

E, não obstante, essa situação melhorou de maneira notável devido a vários fenômenos recentes. Em primeiro lugar, por causa da pressão do mercado, já que fenômenos editoriais como o do Harry Potter ou a eclosão fantástica do *Crepúsculo* e o renascimento de romantismos sombrios impressionaram os meios de comunicação ao advertirem sobre as dimensões sociais e econômicas desse pequeno objeto cultural que havia

se desenvolvido obstinadamente sob o olhar elitista da cultura. Em segundo lugar, a guinada das editoras na direção dos *best-sellers* adultos e a dos audiovisuais na direção de produtos infantilizados nas sociedades de massa ofereceram um encaixe mais natural da atenção voltada para a literatura infantil. Em terceiro lugar, a democratização causada pelas novas tecnologias impôs uma presença importante de sites na internet, clubes de leitura e debates nas redes sociais sobre o tema. Talvez alguns aspectos desses fenômenos não sejam uma grande notícia para nossa idéia de cultura, mas provavelmente o são para o clamor de que se preste mais atenção aos livros para crianças.

A conclusão neste campo, então, é a de se estar intensificando a força de um pequeno espaço conquistado, ainda que talvez não possamos celebrar todas as suas causas.

## 5. Quanto às formas de ócio: a teia da animação leitora

Falar de livros infantis é falar das formas através das quais nós, adultos, os levamos às mãos das crianças. Diante do fracasso escolar no que tange o objetivo de formar leitores estáveis, expandiu-se a idéia de que obrigar a ler levava à perda de leitores. O alarma social, portanto, inclinou a balança para o lado da leitura livre. O propósito de desescolarizar a leitura e a convicção de que “*o verbo ler não tem imperativo*” criaram uma nova tensão entre ler obras de qualidade e ler, mesmo que seja qualquer coisa.

Estimular a leitura foi, então, o novo objetivo; não se circunscrevendo, claro, ao espaço exterior, mas invadindo também a escola (Colomer, 2002). Durante a década de 90, os corredores escolares foram percorridos por agentes os mais heterogêneos: profissionais da contação de histórias, carregadores de malas de instituições públicas repletas de livros temporais, integrantes de espetáculos de dramatização, marionetes ou declamadores de poesia contratados para oficinas ou celebrações pontuais, organizadores de clubes de leitura, autores dispostos a comentar seus livros e vendedores de editoras com materiais e listas prontas para tentar os professores já sobrecarregados de trabalho. Ainda que não tenham entrado fisicamente, também começaram a assomar às janelas da escola os numerosos promotores que ofereciam seu apoio virtual através de sites de autores na internet, editoriais ou conselhos de educação, revistas das próprias escolas ou intercâmbios com os leitores de outros centros.

Tanta gente interessada em estender a leitura poderia

dar lugar, efetivamente, a um meio mais rico que nunca em solicitações e imersões na escrita... mas também poderia criar um caos de atividade frenética onde meninos e meninas circulariam com complacência, mesmo sem deixar marca alguma em sua formação de hábitos de leitura. Essa objeção foi tomando força. Passada a euforia da animação, a tensão se resolveu a favor da delimitação de que é responsabilidade específica da escola e precisa de alianças, do planejamento de projetos estáveis e de uma atitude didática renovada, baseada em ajudar ativa e sustentavelmente as crianças a enfrentar textos que mereceriam seu esforço. Isso foi algo a nos lembrar que, para ler, é necessário silêncio, constância e cumplicidade (Colomer, 2002b).

A conclusão neste campo é, portanto, a de apoiar-se na força da boa leitura: a existência de um conhecimento já acumulado, tanto para poder repartir o jogo entre os distintos atores preocupados com a leitura infantil quanto para poder melhorar a aprendizagem escolar da leitura.

## 6. Quanto às leis do mercado: a maré da mediocridade

A literatura infantil se desenvolveu como produto cultural numa sociedade de consumo, de maneira que seu contexto de produção sofreu poderosas transformações. Para o bem e para o mal. Para a literatura infantil e para todos os demais livros. Por um lado, beneficiamo-nos de uma imensa diversidade de gêneros, títulos e preços dentre os quais escolher, dentre uma vasta gama de traduções de todos os países e da existência de prêmios e possibilidades de profissionalização para os autores. Por outro, sofremos de pautas de produção e venda em massa que dão lugar à descatalogação de bons livros, a uma roda viva que não dá tempo a outros livros para saber se são bons e a uma maior dificuldade para escolher as obras e constituir referentes compartilhados. A tensão se expressa na queixa constante daqueles que atacam as editoras por sua perda de critérios culturais, frente à defesa daqueles que descrevem o funcionamento real do mercado que precisa se constituir como negócio para subsistir.

Tem-se por certo que esta é a batalha mais difícil para a literatura de qualidade. Uma maré de mediocridade dispara a cada ano milhares de títulos novos que ameaçam esterilizar o interesse dos leitores ou fomentar o estereótipo, a moda, o didatismo e os valores mais conservadores. Se for para ler esses livros, talvez seja melhor que as crianças se dediquem a outra coisa. Mas está claro que, se a literatura infantil de qualidade também se beneficia de uma indústria editorial potente,

é absurdo perder tempo reclamando do novo contexto e culpando a indústria multinacional. Melhor é dedicar-se a exercer a responsabilidade de uma nova crítica que permita distinguir o joio do trigo, ainda que o joio venha agora tão bem envolto em edições bem cuidadas e elaboradas estratégias de venda. E é preciso estabelecer circuitos de cumplicidade entre todos os setores para produzir, detectar e promover o fragmento da produção no qual estamos realmente interessados.

A conclusão neste campo se embasa na força da literatura de qualidade, com a possibilidade de aprofundar as cumplicidades que a tornam possível.

## 7. Quanto à imagem: uma exploração teórica e um pulso a ser mantido

É claro que a imagem faz parte da literatura infantil desde que ela existe como tal, mas agora se encontra enormemente potencializada por sua presença na comunicação social, nas novas possibilidades técnicas, nas estratégias de venda consumista e nas tendências a fusões de códigos da arte atual. A literatura infantil contribuiu, inclusive, com uma forma artística inovadora neste campo: o álbum. Esta conquista provocou o entusiasmo de todos os setores. Realmente, pode-se dizer que nos rendemos de corpo e alma à beleza desses livros, às novas possibilidades abertas à expressão artística e à sua capacidade de fomentar a formação de leitores, por serem livros espetaculares que atraem a atenção, fáceis de ler, sugestivos de interpretações ou adequados para a duração curta das aulas ou o pouco tempo em casa.

Entretanto, nem tudo são vantagens. Os álbuns se inscrevem nos mesmos vieses da produção que mencionávamos em parágrafos anteriores. De tal forma que existem muitos livros capazes de viver simplesmente do impacto consumista, muitos que desequilibram a obra com um texto banal devorado pela imagem e outros tantos que escondem sua falta de elaboração transferindo para o leitor a responsabilidade de dar-lhe sentido.

Tanto deslumbramento visual não pode nos deixar esquecer que em toda interpretação humana, também na das imagens, está implicado o pensamento lingüístico. As relações entre pensamento, linguagem e interpretação visual foram tema central de diversas disciplinas ao longo do século XX. Agora, pressupõem um desafio para entender melhor como funciona a leitura dos álbuns, até que ponto as competências visual e lingüística se desenvolvem em paralelo ou em colaboração, até que ponto o leitor funde a leitura de códigos ou alterna-a

de forma descontínua. Felizmente, muitas publicações recentes mostram que a pesquisa começou essa exploração com entusiasmo (Colomer, Kümmerling-Meibauer, Silva-Díaz, 2010a, 2010b).

E, na prática, vendo muitos álbuns atuais, é necessário recordar que, quando o texto acompanha a imagem, sua potência deve ser capaz de aguentar o pulso para que a fusão ofereça realmente novos níveis de sentido. E cabe destacar que a aprendizagem interpretativa de texto e imagem deve permitir também a existência de caminhos diferenciados de competência nas artes plásticas e na palavra literária. Abre-se aqui um interessante ponto de tensão, uma indagação sobre o efeito dessa leitura infantil com predomínio visual e a capacidade de recepção de relatos literários exclusivamente textuais.

A conclusão neste campo é a de felicitar-se pela força dos novos usos da imagem e a de sustentar o desafio apresentado à palavra.

## 8. Quanto às novas formas de ficção: uma nova cartada do baralho

Mas as associações de códigos exploram caminhos ainda mais diversos. A ficção se interessa em explorar o efeito da associação e a ambigüidade dos elementos narrativos na percepção da realidade e adota novas formas derivadas das novas tecnologias, com alianças multimodais entre a imagem, a palavra oral e escrita, e a digitalização.

Faz tempo que qualquer obra de êxito estabelece seu itinerário particular de trânsitos entre tipos de comunicação. Pode percorrer os caminhos mais demarcados, como a passagem sucessiva da obra “A Aurora Boreal”, de Philip Pullman pelo teatro, rádio, livro e cinema. Ou pode dar saltos mais súbitos, como os da obra “O Senhor dos Anéis”, de livro a jogo de RPG e daí para o cinema ao longo de três quartos de século. Ou ir mais além quando os livros já nascem irmanados com as telas. Nas transposições entre telas, inaugurou-se agora o salto das séries televisivas para o cinema, ou a intensa confluência de cinema e videogames através da proliferação dos consoles. A interconexão que se consegue com os novos aparelhos ou a participação conjunta através da internet permite que os videogames se transportem do quarto das crianças para a sala de estar, recuperando a prática socializada da tela grande.

Assim é que a aceleração das inovações tecnológicas está marcando uma fusão muito ativa entre as telas, com o rápido desenvolvimento dos móveis como episódio mais recente.



Esses trânsitos implicam uma transposição de características. Se já faz tempo que o cinema e a televisão influem na escrita literária, agora é a migração entre telas que define algumas características de destaque no cinema comercial, como a rapidez, os efeitos especiais, ou a falta de coesão. E pode-se dizer que, em todas as formas de ficção, estendem-se rapidamente a fragmentação de textos, a combinação de elementos ficcionais de sistemas artísticos distintos, a alusão e reutilização de elementos conhecidos, a divulgação de produtos de consumo associados e a interatividade entre obras, autores e leitores através da rede.

A maneira como essas características afetam a literatura infantil e juvenil de qualidade é algo que está em discussão. Simplesmente descrever as mudanças ou diferenças e semelhanças entre ficções não nos leva muito longe. O desafio é conseguir uma experiência ficcional e literária igualmente potente no novo contexto. O que surge de imediato na crítica é um sentimento de perda por causa dos parâmetros estáveis com os quais valoramos as obras. Assim, se pela ótica do mundo literário faz tempo que foi dado o alerta sobre o enfraquecimento do texto, agora é no mundo do cinema que se levantam vozes denunciando a colonização exercida pelos videogames nos vieses da sétima arte. Na mesa de jogo teve início uma nova distribuição de cartas ficcionais e artísticas, e não podemos perder de vista os ases para saber se eles se transformam se multiplicam ou são retirados pelo crupier.

A conclusão neste campo é a de que devemos nos interrogar acerca da força da ficção literária diante da ampliação e diversificação das formas.

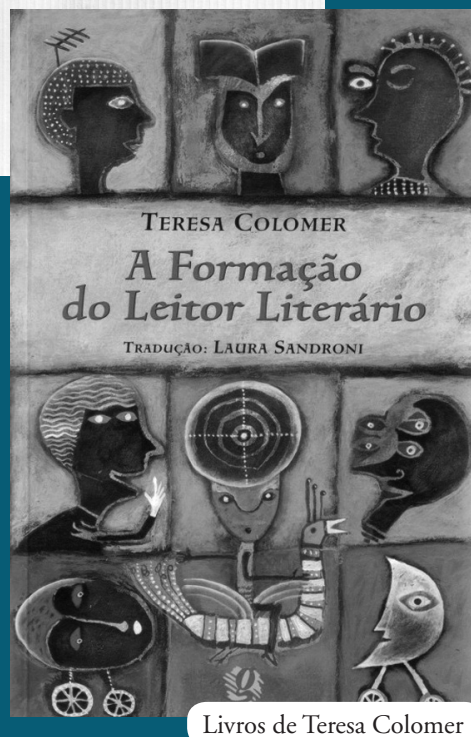
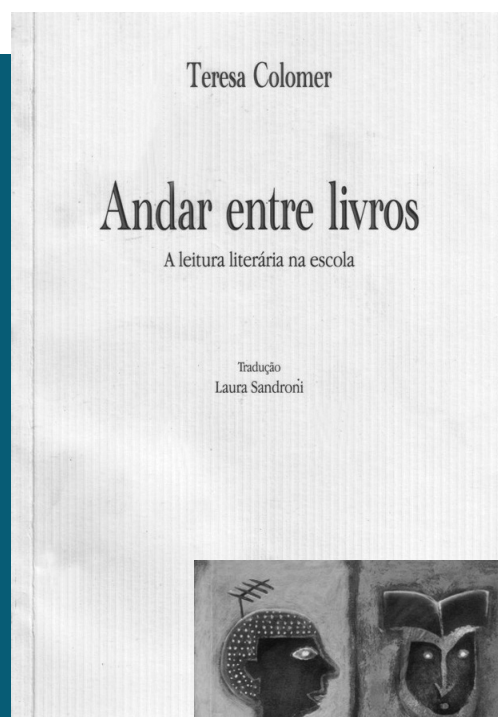
## 9. Um núcleo em tensão permanente

Até aqui, temos este apanhado que pretendia visualizar a força que a literatura infantil de qualidade precisou exercer para abrir clareiras, construir, legitimar e sustentar um núcleo de experiência literária autêntica. Trata-se de uma estranha parcela minoritária condenada a tomar chá com todos, a manter extensas, variadas e intensas relações com todos os campos destacados e a superar o desafio de não se dissolver em nenhum deles. Neste fragmento exato da produção, recepção e mediação, todos os aqui presentes estão sem dúvida interessados. Mas, para zelar por sua melhora e continuidade, contamos agora com uma vantagem que, a princípio, não tínhamos. Cada um dos setores profissionais implicados nesta precisa encruzilhada levou a cabo um dilatado esforço contra algumas das suas forças centrífugas. Hoje possuímos mais e melhores livros que nunca, e esses livros chegam a mais crianças, e a contextos mais variados, que em toda a

história da humanidade. Assim, adquirimos uma certeza que nos dá força: sabemos como fazer.

**Teresa Colomer**

**Universidade Autônoma de Barcelona.**



### Nota do editor:

O termo álbum usado no texto não possui tradução para a língua portuguesa. O significado assemelha-se a definição que damos para os livros infantis.

## Referências Bibliográficas

Bettelheim, B; K.Zelan (1981): *On Learning to Read. The Child's Fascination with Meaning*. New York:Knopf (Trad.cast. *Aprender a leer*. Barcelona:Crítica, 1982)

Chartier, A.M.; J.Hébrard (1990): *Discours sur la lecture (1880-1980)*. Paris:BPI-Centre Georges Pompidou (Trad.cast.:*Discursos sobre la lectura (1880-1980)*. Barcelona:Gedisa, 1994).

Colomer, T. (2002a): "Nueva crítica para el nuevo siglo" CLIJ. *Cuadernos de Literatura infantil y juvenil* 145, 7-17. Disponible en línea. [www.gretel.cat](http://www.gretel.cat), apartado "Documentos".

Colomer, T. (2002b): "El papel de la mediación en la formación de lectores". T.Colomer, E.Ferreiro, F.Garrido: *Lecturas sobre lecturas*. México:Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 9-29. Disponible en línea: [www.gretel.cat](http://www.gretel.cat), apartado "Documentos".

Colomer, T. (2003) "La escuela y la promoción de la lectura" I Encuentro de Promotores de lectura, XVII Feria Internacional del Libro de Guadalajara. Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, CERLALC, Universidad de Guadalajara (Jalisco) Guadalajara (México) Disponible en línea en su versión en CLIJ "Quién promociona la lectura": [www.gretel.cat](http://www.gretel.cat), apartado "Documentos".

Colomer, T.; B.Kümmerling-Meibauer, M.C.Silva-Díaz (coords.) (2010b): *Cruce de miradas: Nuevas aproximaciones al libro-álbum*. Barcelona: Banco del Libro-Gretel.

Colomer, T.; B.Kümmerling-Meibauer, M.C.Silva-Díaz (ed.) (2010a): *New Directions in Picturebook Research*. NY-London: Routledge.

Lurie, A. (1990): *Don't Tell the Grown-Ups. Subversive Children's Literature*. London, Bloomsbury. (trad.castellana: *No se lo cuentes a los mayores. Literatura infantil, espacio subversivo*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1998)

Merino, J.M. (1997): "León Tolstoi: La novela de un matrimonio". Revista de Libros nº 6, p.50.

Montes, G. (2001): *El corral de la infancia*. México: Fondo de Cultura Económica. 2ª ed.

Rico de Alba, L. (1986): *Castillos de arena. Ensayo sobre literatura infantil*. Madrid: Alhambra.



Teresa Colomer possui Licenciatura em Espanhol e Catalão e doutora em Educação. É professora titular do Departamento de Didática de Línguas e Literatura da Universidade Autônoma de Barcelona. Em 1990, recebeu o Prêmio de *Pedagogia Rosa Sensat* pela obra escrita em parceria com Anna Camps, *Ensinar a ler, ensinar a compreender*.

Os livros *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual e Andar entre livros: a leitura literária na escola*, de Teresa Colomer, tradução de Laura Sandroni, da Editora Global, encontram-se disponíveis na Biblioteca FNLIJ.

Criadora e coordenadora do primeiro curso de pós-graduação na área de Bibliotecas Escolares na Espanha. O curso *Máster de Livros de Literatura Infantil e Juvenil à distância*, dirigido por Teresa Colomer, está na quinta edição e é organizado pela Universidade Autônoma de Barcelona, Banco del Libro, Fundação SM e Gretel. As pré-inscrições acontecem entre os dias 14 de fevereiro e 31 de março de 2011.

**Mais informações nos sites: [www.literatura.gretel.cat](http://www.literatura.gretel.cat) e [www.bancodellibro.org.ve](http://www.bancodellibro.org.ve).  
Ou através do email: [master.lij@uab.cat](mailto:master.lij@uab.cat)**



Teresa Colomer

**Reflexões sobre  
leitura e LIJ –  
Fascículo nº 41**

Parte integrante do  
**Notícias 3/2011**

**Fundação Nacional  
do Livro Infantil e  
Juvenil - FNLIJ**

Responsável:  
Elizabeth D'Angelo  
Serra

Tradução: Ricardo  
Silveira

Fotolitos e impressão:  
PwC

